

Jornalismo, imaginário e leitores: os sentidos do real e da ficção sobre o avião desaparecido da Malaysia Airlines

Journalism, imaginary and readers: meanings of real and fiction about the missing Malaysia Airlines airplane

Marcia Benetti

Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Rua Ramiro Barcelos, 2705, 90035-007, Porto Alegre, RS, Brasil.
marcia.benetti@gmail.com

Silvana Dalmaso

Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Rua Ramiro Barcelos, 2705, 90035-007, Porto Alegre, RS, Brasil.
silvana.dalmaso@gmail.com

Resumo. Este artigo trata da relação entre acontecimento jornalístico, leitor e imaginário. Problematisa o discurso produzido pelos leitores sobre um “acontecimento fascinante”, um tipo de acontecimento que exerce magnetismo por seus desdobramentos e aciona fortemente o imaginário. Como ambiente empírico, escolhemos o caso do avião da Malaysia Airlines que desapareceu em 8 de março de 2014, com 239 pessoas a bordo, e analisamos 4.517 comentários postados sobre o tema na página que o jornal Folha de S. Paulo mantém no Facebook. Discutimos como os sentidos mobilizados pelo leitor transitam entre as imagens sedimentadas pela ficção e as imagens vinculadas à realidade. Investigamos também como os sujeitos interagem nessa comunidade discursiva, forjada no espaço dos comentários das redes sociais, e juntos constroem e reafirmam a memória coletiva e os sentidos de seus discursos.

Palavras-chave: jornalismo, leitor, imaginário, redes sociais.

Abstract. This article deals with the relationship between a journalistic event, the reader and the imaginary. It discusses the discourse produced by readers on a “fascinating event”, a type of event that attracts attention due to its “developments”, strongly activating the readers’ imagination. As our empirical environment, we have chosen the case of the missing Malaysia Airlines plane – occurred on March 8, 2014 –, with 239 people on board. We have analyzed 4.517 comments posted on the Facebook page of the Folha de S. Paulo newspaper. We have discussed how meanings mobilized by the reader move between images built by fiction and images linked to reality. The investigation also occurred on how subjects interact in this discourse community, forged in a space of social networks comments, and how they build and reaffirm the collective memory and the senses of their speeches.

Keywords: journalism, reader, imaginary, social networks.

Jornalismo e imaginário

Um dos papéis que o jornalismo cumpre é dar certa ordem simbólica ao mundo do leitor (Bird e Dardenne, 1993). Estamos, como seres humanos, sempre vulneráveis à instalação do

caos que pode advir da “má sorte”, dos acasos, das coincidências, daquilo que não se pode prever e não se pode controlar. Sabemos de modo quase silencioso que podemos sofrer um revés, que, de repente, tudo pode mudar, mas nossa consciência nos empurra para o que

podemos controlar: se o futuro é desconhecido, podemos ter a ilusória sensação de controlá-lo enquanto o planejamos¹.

Geralmente não são, porém, os pequenos reveses do cotidiano que expõem a força destruidora do caos. São os acontecimentos que podemos chamar de “fascinantes” (Benetti, 2009) que mostram, de súbito, a fragilidade e a impotência do ser humano, a face do mal que pode habitar qualquer um, a tragédia que pode acometer mesmo os mais poderosos, os mais ricos e os mais abençoados pela sorte. O acontecimento fascinante é aquele que exerce sobre o ser humano uma espécie de magnetismo: primeiro, o acontecimento choca porque parece ficção; depois, ele perturba porque nos remete à condição humana, e entendemos que poderia acontecer com qualquer um; finalmente, ele precisa ser compreendido racionalmente, especialmente em suas causas e consequências, para que a ordem simbólica possa se restabelecer. O acontecimento fascinante é aquele que exige acompanhamento por dias ou anos, é o evento cujos desdobramentos ativam a memória socialmente compartilhada: “Sabe aquele caso...?”. São, por exemplo, os crimes familiares, os crimes e acidentes bizarros e as mortes coletivas.

A queda de um avião com grande número de passageiros aciona fortemente o imaginário. Consideramos, quando tratamos de imaginário – que pode ser definido como a coleção de imagens mentais que permitem ao homem sentir, ser e se expressar –, a perspectiva desenvolvida por Durand (1988, 1997, 2001). Durand (2001, p. 41) pontua que “o imaginário constitui o conector obrigatório pelo qual forma-se qualquer representação humana”. Note-se, porém, que a simbolização e o discurso, que são as partes visíveis porque materializadas pela linguagem, são sempre muito menos ricos do que as imagens primordiais que habitam o inconsciente. O fluxo indefinido de imagens é o “esboço confuso de um imaginário que, aos poucos, irá regularizar-se na sua parte mediana de acordo com os vários papéis, somente para terminar muito empobrecido na extremidade superior onde o alógico do mito tende a atenuar-se em prol da lógica em curso” (Durand, 2001, p. 96).

É o jornalismo, por meio de suas narrativas, que traz ao mundo do leitor não apenas as informações sobre este acontecimento fas-

cinante, mas também a certeza de que o tema é tão importante quanto ele, leitor, havia presentido: o esforço redobrado das equipes de cobertura, a convocação de especialistas que exploram as causas e antecipam os desdobramentos, os dados fragmentados que vão se somando pelo trabalho de reportagem de veículos distintos, o destaque dado às imagens, a exibição de depoimentos de quem sobreviveu, o tom grave dos apresentadores dos telejornais, a rememoração de eventos similares, a elaboração mais tarde de um documentário.

O jornalismo não é um discurso que se restrinja a informar. É também um discurso que, ao conferir validade à temática, convoca o leitor a navegar em um universo simbólico. No caso de um acontecimento fascinante, isso é ainda mais importante de ser estudado. Quando um veículo jornalístico insere esse tipo de acontecimento nos espaços que mantém nas redes sociais, confere relevância ao tema e instiga os leitores a partilharem suas impressões e opiniões. De certo modo, esses leitores formam uma comunidade discursiva (Maingueneau, 1989), e o discurso que eles produzem constitui um ambiente rico para analisarmos o acervo de imagens mentais utilizados para tratar de um tema. Para fazer esta análise, escolhemos os comentários de leitores sobre um acontecimento fascinante: o desaparecimento de um avião com 239 pessoas a bordo.

O caso e o método

Na madrugada de 8 de março de 2014, um avião que fazia a rota de Kuala Lumpur, na Malásia, a Pequim, na China, desapareceu dos radares. O Boeing 777 operado pela Malaysia Airlines decolara à 0h41min e era esperado em Pequim às 6h30min. Levava 227 passageiros, de 14 nacionalidades, e 12 tripulantes. Quase 70% dos passageiros eram chineses. O último contato da aeronave com o controle de tráfego em terra foi 50 minutos depois da decolagem, quando sobrevoava o Golfo da Tailândia. Isso era tudo que se sabia no dia do desaparecimento do voo MH 370, e as semanas seguintes não conseguiram elucidar o incrível caso do avião de 280 toneladas que desapareceu com 239 pessoas a bordo.

Os números são grandiosos. As buscas envolveram 26 países e utilizaram satélites, aviões, navios e até um minissubmarino não

¹ Uma versão preliminar deste artigo foi apresentada e debatida no XII Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor), em novembro de 2014.

tripulado. A Malásia relatou que o avião fora desviado de sua rota, voltando para o sul e rumando para o oeste. Nos dias seguintes, houve, pelo menos, sete alertas sobre destroços que poderiam ser do avião, todos posteriormente descartados. Dados fragmentados e desencontrados, oriundos de autoridades de vários países, traçaram um quadro de mistério e desinformação. Um simulador de voo foi encontrado na casa do piloto, com exercícios de simulação de pouso em diversas ilhas da região, e então se cogitou que ele tivesse sequestrado a aeronave. Dois passageiros iranianos embarcaram com passaportes falsos, e então se cogitou que fora uma ação terrorista. A partir de dados emitidos automaticamente pelos motores, soube-se que o avião teria voado por 4 horas após desaparecer dos radares, podendo chegar ao Paquistão, à Mongólia ou à Austrália. Informações posteriores da Malásia mostraram que a aeronave enviara sinais automáticos até cerca de 7 horas depois do último contato com a torre de controle, podendo ter rumado para dois “corredores”: a Indonésia, ao sul, ou o Cazaquistão, ao norte. Após a análise desses sinais, a empresa britânica de satélites Inmarsat concluiu que, ao enviar o último sinal, a aeronave se encontrava no meio do Oceano Índico, tendo, portanto, rumado para o sul, e estava muito distante de qualquer área onde fosse possível aterrissar.

No dia 24 de março, em uma entrevista coletiva, o primeiro-ministro da Malásia disse que não restavam mais dúvidas de que o voo MH370 caíra no Oceano Índico e não havia sobreviventes. Em uma desastrosa e insensível política de comunicação, o governo malaio mandou uma mensagem de celular aos familiares dos passageiros dizendo que não havia sobreviventes. Sete meses² após o desaparecimento³, as buscas continuavam sendo feitas por navios e submarinos.

O caso do avião desaparecido angariou o interesse de muitos leitores, e um dos ambientes que reuniram essas manifestações foi

o Facebook. Para formar nosso *corpus*, selecionamos todos os textos sobre o caso do avião desaparecido publicados pela página que o jornal Folha de S. Paulo mantém no Facebook, no período de 8 a 25 de março de 2014, num total de 26 *posts*. Coletamos 4.818 comentários⁴ de leitores, e destes foram efetivamente analisados 4.517. Excluímos 301 comentários que não diziam respeito ao tema da pesquisa, ou eram ininteligíveis, ou configuravam mera propaganda.

As questões que buscamos responder neste artigo são que imaginário é mobilizado pelos leitores, e como se dá a interação nessa comunidade discursiva? O método utilizado é a Análise do Discurso. Tomamos o conjunto dos comentários, considerando cada comentário como um texto, e analisamos cada texto em busca das respostas a nossas questões de pesquisa. Sabemos que os sentidos estão dispersos e só podem ser reunidos a partir da ação do analista (Orlandi, 1996). É a noção de paráfrase, entendida como o movimento que tende à repetição de sentidos, que permite mapear as imagens mentais mobilizadas pelos sujeitos que enunciam. O que trazemos agora, como resultado da análise, já está organizado a partir do que o próprio discurso nos mostrou: a ancoragem do imaginário nas histórias reais, também contadas pelo jornalismo, e nas narrativas ficcionais, entre as quais incluímos as crenças dos leitores.

Sujeitos que imaginam

O acontecimento fascinante de um avião que cai aciona resíduos arcaicos relativos ao medo. “Antes mesmo de qualquer referência à vida moral, as metáforas da queda são asseguradas, ao que parece, por um realismo psicológico inegável. Todas elas desenvolvem uma impressão psíquica que, em nosso inconsciente, deixa traços indeléveis: o medo de cair é um *medo primitivo*” (Bachelard, 1990, p. 92, grifo do autor).

² Na data de redação deste artigo, outubro de 2014.

³ No dia 17 de julho, quatro meses depois do sumiço do voo MH 370, um avião que fazia a rota MH 17 caiu na Ucrânia, a 40 km da fronteira com a Rússia. O Boeing 777 da Malaysia Airlines saíra de Amsterdam, na Holanda, com destino a Kuala Lumpur, na Malásia. Levava 283 passageiros de dez nacionalidades e 15 tripulantes. Quase 70% dos passageiros eram holandeses. As causas do acidente ainda não foram totalmente determinadas, mas são fortes os indícios de que o avião foi abatido por um míssil. No total, 537 pessoas morreram nos dois acidentes. Quais as chances de isso acontecer duas vezes, com aviões da mesma empresa aérea, em um intervalo de quatro meses? Quais as chances de um avião desaparecer sem deixar rastros? E quais as chances de um avião comercial ser abatido por um míssil? Os dois casos são reais, mas poderiam facilmente ser ficção.

⁴ Registre-se que, além dos comentários, os 26 *posts* somaram 7.958 compartilhamentos (republicação do conteúdo) e 37.348 “curtidas” (demonstração de aprovação) de leitores.

Não fomos feitos para voar, e ainda assim vencemos a natureza por meio do uso da tecnologia. Todos sabem que ir contra a natureza significa risco, e alguns acreditam que essa ousadia acarreta punição. Um avião que cai é um triunfo do arcaico sobre o contemporâneo, a marcação inquestionável de que, a despeito de todos os avanços, o homem ainda é limitado e mortal. Ao lado da consciência súbita da mortalidade, surge a satisfação por estar vivo. Mas o que os leitores mobilizam para tratar de um acontecimento tão fascinante quanto o desaparecimento de um avião? Que imagens são acionadas para representar, pelo discurso, o que os leitores pensam?

A análise do discurso dos leitores mostra que eles acionam imagens criadas pela ficção (filmes, seriados, romances) e imagens ancoradas na realidade (as histórias que realmente ocorreram e foram narradas pelo jornalismo). Não estamos opondo real e ficção, nem reivindicando para qualquer um deles um estatuto superior. Estamos mostrando que o discurso dos leitores transita entre imagens dos dois tipos. Os trechos que trazemos aqui ilustram os sentidos identificados. São literais, portanto mantêm eventuais erros de português. O negrito foi usado, em alguns casos, para destacar sentidos.

Os leitores mobilizaram imagens ficcionais dos seriados *Lost*, *Arquivo X*, *Supernatural* e *Fringe*, das séries de livros *Harry Potter* e *Nárnia*, da série de animação *Caverna do Dragão*, dos personagens *Wally* e *Jack Sparrow* e do livro *Viagem ao Centro da Terra*, de Júlio Verne. Também acionaram as lendas urbanas do *Chupa Cabra*, do *ET* de *Varginha* e do *ET Bilu*. No campo das crenças – que associamos às narrativas ficcionais porque não tratam de fatos comprovados –, os leitores mobilizaram imagens do sobrenatural, de abdução por extraterrestres, de passagem para outra dimensão, de ação dos *Illuminati* e de arrebatamento cristão.

No campo das imagens reais, os leitores se lembraram do *Triângulo das Bermudas*, do navio *Titanic*, da vidente *Mãe Dinah*, do cantor *Belchior*, da cantora *Courtney Love*, do “Padre

do Balão” e das mortes de *Ulysses Guimarães* e *Eliza Samudio*. Também acionaram imagens relacionadas à política e a instituições brasileiras, bem como a uma campanha publicitária cujo slogan é “pergunta no posto *Ipiranga*”.

*Lost*⁵ é o campeão de citações nos comentários dos leitores: “*Lost* vira realidade”, “Em Breve *Lost* 02: Oriente”, “Procurem nas **coordenadas de *Lost*...**”, “Quem achava que *Lost* fosse ficção...”, “**tipo *Lost* então?**”, “Chamem o sr. Daniel Faraday”, “4, 8, 15, 16, 23, 42”. Os leitores acionam o seriado *Fringe*⁶ (“*Fringe* Division!”, “**caso para olivia dunham**”), o seriado *Arquivo X*⁷ (“*Fox Mulder* já foi **chamado para resolver este caso**”, “**A verdade está lá fora**. Mulderrrrr Scullyyyyy”) e os livros sobre *Nárnia*⁸ (“Está em *Nárnia!*”, “quem disse que *Nárnia* nao existe?”). A análise mostra que o cinema, a televisão e a literatura estão entre as maiores fontes de imagens com as quais podemos simbolizar, representar e efetivamente lidar com o pior dos temas – a morte –, ainda que esse modo de lidar inclua o humor e a ironia.

No universo das crenças, a imagem de extraterrestres sequestrando seres humanos é a mais inspiradora de comentários e provoca enunciações fortes e posicionadas. Parte dos leitores reforça que está falando sério: “Continuo pensando q foram **sequestrados ou abduzidos**, e não estou brincando pois é uma tragédia sem tamanho”, “Muito estranho... sera que foram abduzidos...não estou brincando não, tou falando sério”. Outros afirmam explicitamente sua crença: “Podem rir, achar piada. Mas acredito em **Ets** e na minha opinião se nao acharem nada. Esse avião foi abduzido!”, “ainda acredito que foram os **aliens**. Essa historia esta mt mal contada”, “Foram os alienígenas ..eu Acredito..”, “São **aliens, fazendo novos estudos...**”, “Gente .. esse avião foi **abduzido pelos marcianos**. Será que vcs não percebem”, “Os Alienígenas **se escondem nas profundezas do oceano**”. Por fim, encontramos a imagem de que os poderosos sabem a verdade e, de modo conspiratório, a escondem da população: “Na minha opinião isso tudo prova a **existência de extraterrestres e a naza deve saber disso**”, “**EUA** não estao em busca

⁵ Seriado que trata da vida de sobreviventes de um acidente aéreo numa misteriosa ilha tropical. O avião que fazia o voo 815 da *Oceanic Air* se quebra no ar. Teve seis temporadas, de 2004 a 2010.

⁶ Seriado que trata da investigação de fenômenos aparentemente inexplicáveis, que decorreriam da interferência mútua de diferentes dimensões da realidade. Teve cinco temporadas, de 2008 a 2013.

⁷ Série sobre os agentes do FBI *Fox Mulder* e *Dana Scully*, que investigam casos não solucionados que envolvem fenômenos paranormais, existência de extraterrestres e abduções. Foi ao ar de setembro de 1993 a maio de 2002.

⁸ Série de sete livros intitulada “*As Crônicas de Nárnia*”, do escritor irlandês *Clive Staples Lewis*. É no país de *Nárnia* que ocorre a maior parte da história, onde os animais e as criaturas mitológicas podem falar e a magia é prática comum.

do avião. **Estao la para acobertar uma possível realidade dos fatos.....** Foram os Ets que sequestraram o avião... certeza....”.

Parte dos leitores invoca a imagem de uma dimensão paralela: “Eles foram parar em outra dimensao... Uma **dimensao paralela com a nossa**. Um fenomeno que faz com que a pessoa esteja do seu lado mas vc nao a vê”, “foram **pegos por 1 vortice de espaço do tempo** e foram para outra dimensão”, “Pode ter **entrado em uma fenda** e sumido no tempo espaço”. Outras duas imagens são bastante presentes nos comentários dos leitores: o arrebatamento⁹ (“foram arrebatados !!! oh gloria”, “Foram arrebatados!”) e os Illuminati¹⁰ (“Não descarto a possibilidade de **plano illuminatti**”, “No meu preceito, isto é mais uma das obras dos Iluminatis”).

Muitas imagens provindas de fenômenos e pessoas reais formam o acervo mobilizado pelos leitores para explicar o acontecimento fascinante. A mais recorrente é a imagem do Triângulo das Bermudas¹¹: “Eu acho que eles **desapareceram no triangulo das bermudas**”, “Outro triângulo das bermudas?????”, “essa regioa tem a famosa triangulo das bermudas da asia, talvez tenha desviado pra la, **varios navios já sumram por la, ha um fenomeno de gases que desregulam mapas e gps**”, “Pesquisei sobre o **triângulo do dragão**”.

Os leitores também se lembram da vidente Mãe Dinah (“**Mãe Diná sabe** onde está!”), do cantor Belchior (“Belchior e avião da Malásia.. ambos sabem sumir...”), do padre dos balões¹² (“Não é o padre do balão?”) e das mortes de Ulysses Guimarães¹³ (“De tanto procurar **vão acabar achando o Ulisses Guimarães**”) e Eliza Samúdio¹⁴ (“Esse avião tá **mais sumido que a Eliza Samudio**”, “O **Goleiro Bruno sabe**, ele é expert em fazer este tipo de coisa”), cujos corpos nunca foram encontrados.

Por fim, as imagens de fatos e pessoas reais, referentes ao Brasil, são convocadas na apropriação do leitor: “vai ver os pilotos tiraram a habilitação com a ANAC...”, “Virou pó e o Aécio e Perrela cheiraram tuuuudo”, “Escultei uns boato que ela foi vista em Brasilia”, “Esta atolado na BR 164 em MT!”, “Galera, o avião esta nas redondezas do Acre”, “Foram sugados para uma realidade paralela onde o sinal da TIM funciona de verdade”.

Pelo espaço reduzido de um artigo, trouxemos apenas alguns exemplos das falas dos leitores, para evidenciar que as imagens mobilizadas para a apropriação do acontecimento fascinante transitam entre pessoas reais e personagens da ficção, entre fenômenos reais e fatos da ficção, entre lugares reais e reinos da fantasia. Na mente humana, essas imagens guardam suas relações com o real ou o ficcional, mas coexistem e ajudam a dar forma a ideias, explicações e representações. Retomando a teoria do imaginário, essas imagens são símbolos que carregam, de modo intrínseco, determinadas imagens primordiais.

Sujeitos que interagem

Os *sites* de redes sociais, como o Facebook, constituem preciosos espaços de interação entre sujeitos. São espaços de trocas, fluxos de linguagem e diálogo. A interação social compreende a comunicação entre os atores, as relações estabelecidas nas trocas de mensagens e os sentidos que são construídos nessas trocas (Recuero, 2009). Os usos de *sites* de redes sociais inserem-se como práticas de conversação e refletem as apropriações feitas pelos usuários dos espaços de mediação digital. “A conversação em rede é composta de diálogos coletivos, cujos participantes constituem-se em indivíduos de uma audiência invisível, forjada pelas

⁹ Segundo a teoria cristã do arrebatamento, Jesus resgatará da Terra somente quem o aceitar como Salvador. Os resgatados são os escolhidos para ressuscitar.

¹⁰ Em latim, “iluminados”. Sociedade secreta que de fato existiu na Alemanha, no século 18, e durou menos que uma década. O termo tem sido utilizado para denominar organizações conspiratórias modernas que controlariam assuntos de Estado, de forma secreta.

¹¹ Os limites traçados entre as ilhas Bermudas e as cidades de Miami, nos Estados Unidos, e San Juan, em Porto Rico, formam um triângulo imaginário sobre o Oceano Atlântico. É o Triângulo das Bermudas, famoso local de sumiços de aviões e navios. Cientificamente, apontam-se tempestades, furacões e correntes como causas naturais, além da existência de bolhas de gás metano que se desprenderiam do solo do oceano, provocando naufrágios e quedas de aviões.

¹² Adelir Antônio de Carli, o “Padre dos Balões”, amarrou-se a balões de gás hélio em abril de 2008 para ir de Paranaguá (PR) a Dourados (MS), mas caiu no mar. Seu corpo só foi encontrado em julho daquele ano no litoral do Rio de Janeiro.

¹³ O deputado federal Ulysses Guimarães morreu em um acidente de helicóptero em outubro de 1992, no litoral do estado do Rio de Janeiro. O corpo nunca foi encontrado.

¹⁴ Eliza Samudio, mãe do filho do ex-goleiro Bruno Fernandes de Souza, do Flamengo, foi assassinada em junho de 2010. Bruno foi condenado a 22 anos de prisão, por sequestro do filho e morte e ocultação de cadáver. O corpo de Eliza nunca foi encontrado.

conexões e pela visibilidade nas redes sociais” (Recuero, 2012, p. 217).

Sabemos, desde Bakhtin (1986), que o dialogismo é o princípio constitutivo da linguagem e condição dos sentidos do discurso (Barros, 1994). A abertura conceitual do conceito bakhtiniano de dialogismo permite que os discursos sejam considerados como lugares dialógicos e de manifestação de pluralidades. O dialogismo se nutre tanto do consenso, da convergência e do entendimento, quanto da divergência, do enfrentamento e do embate (Fiorin, 2006). Nos *sites* de redes sociais, essas relações estão muito presentes.

Para analisar as interações no ciberespaço, Santaella (2004) se aproxima da concepção de dialogismo. “O sentido não está armazenado nas consciências individuais, como em um depósito estável e petrificado, mas na relação, nos interstícios entre o falante e o ouvinte, que só se definem nas trocas recíprocas que estabelecem e pelo discurso que escolhem entre os discursos disponíveis” (Santaella, 2004, p. 168). De certo modo, as redes concretizam a essência do dialogismo e da conversação.

Um dos principais rituais da conversação em ambiente digital é a marcação. Além de curtir, compartilhar e comentar nas postagens das páginas dos veículos jornalísticos no Facebook, o leitor pode fazer marcações, o que é especialmente interessante para estudar a dinâmica de inserção do leitor no jornalismo. Essa ferramenta interativa permite que outros atores sejam integrados a uma publicação, pois, ao marcar um amigo em alguma notícia publicada no Facebook, o leitor chama outros leitores à participação. Assim, o ato de marcar assume o significado de incluir outros sujeitos em um determinado diálogo ou uma situação de interação, reforçando o caráter dialógico dessa comunidade discursiva.

No caso que analisamos, 16% dos comentários são intencionalmente dirigidos a outro sujeito, configurando uma situação clara de interação. Encontramos dois tipos de situação: a *interação marcada*, indicando explicitamente a quem o sujeito se dirige, e a *interação dirigida*, sem indicação de um destinatário específico mas claramente direcionada a um grupo de sujeitos.

O ritual da marcação, associado ao ritual do compartilhamento, multiplica exponencialmente a visibilidade de um texto, sendo portanto um tipo de interação muito importante ao jornalismo. Nos comentários analisados, encontramos *dois tipos de interação marcada: a*

simples e a comentada. Na *interação marcada simples*, o leitor marca um amigo para lhe mostrar um conteúdo. O recurso, muito utilizado no Facebook, envia uma notificação ao sujeito marcado, permitindo que ele facilmente acesse o conteúdo que lhe foi sugerido. O exemplo deste tipo de interação é bastante simples: “Adriana Simas: Thaís Resende”, sendo a primeira a leitora que comenta e a segunda o sujeito marcado.

Na *interação marcada comentada*, o leitor adiciona alguma impressão, opinião ou sugestão. Pode ser uma simples chamada de atenção, como em “Tiago Olliveira: Renato Junior **olha essa notícia**”, ou uma conversação completa: “Ney Wendell: **Já viu** Jacqueline Pontes?” e “Jacqueline Pontes: **Eu vi** Ney Wendell... Muito triste”. Pode ser o compartilhamento de emoções, como em “Thyago Pacheco: **Vocês estão acompanhando amigos** Henri e Adriano... que triste não?!”, e pode ser a crítica direta a outro usuário: “Nina Rodrigues: Nikkolle Soares **onde vc esqueceu seus sentimentos?** Onde foi parar seu coração?”.

A interação marcada comentada também pode evidenciar que o tema está presente na vida desses sujeitos fora das redes, confirmando a importância do jornalismo na vida cotidiana: “Sarah Cristine: Lidiane, **era desse avião que falei**”, “Graziela Grotewold: Beatriz Haddad **olha o que a gente falou hoje**”, “Sandro Almeida: Mariana Lustosa tais acompanhando esse caso? **passei o dia todo acompanhando, surreal**”.

O segundo tipo encontrado, a *interação dirigida*, é geralmente direcionada a um grupo de usuários com os quais o sujeito não concorda, como nestes exemplos: “**vcs que estão rindo dessa desgraça**, cuidado hem! Quem rir da desgraças do outros a sua vem A caninho”, “Jesus, **minhocas se expressariam de forma mais inteligente!**”, “Tem comentários aqui de **gente que ta assistindo filmes demais**”.

A interação entre sujeitos também diz respeito à afirmação de uma memória coletiva. Segundo Halbwachs (1990), a memória individual (as lembranças do quadro da personalidade e da vida pessoal) e a memória coletiva (as lembranças impessoais, evocadas no indivíduo por ele ser membro de um grupo) se interpenetram com frequência. A memória individual precisa, muitas vezes, da coletiva para confirmar lembranças e preencher lacunas. Já a memória coletiva envolve as memórias individuais, mas não se confunde com elas. “Ela evolui segundo suas leis, e se algumas lembranças individu-

ais penetram algumas vezes nela, mudam de figura assim que sejam recolocadas num conjunto que não é mais uma consciência pessoal” (Halbwachs, 1990, p. 55-56).

Ricoeur propõe uma figura intermediária entre “eu” e “os coletivos”, o que ele chama de “os próximos”:

Não existe, entre os dois pólos da memória individual e da memória coletiva, um plano intermediário de referência no qual se operam concretamente as trocas entre a memória viva das pessoas individuais e a memória pública das comunidades às quais pertencemos? Esse plano é o da relação com os próximos, a quem temos o direito de atribuir uma memória de um tipo distinto. Os próximos, essas pessoas que contam para nós e para as quais contamos, estão situados numa faixa de variação das distâncias na relação entre o si e os outros. Variação de distância, mas também variação nas modalidades ativas e passivas dos jogos de distanciamento e de aproximação que fazem da proximidade uma relação dinâmica constantemente em movimento: tornar-se próximo, sentir-se próximo. Assim, a proximidade seria a réplica da amizade, dessa philia, celebrada pelos Antigos, a meio caminho entre o indivíduo solitário e o cidadão definido pela sua contribuição à politeia, à vida e à ação da polis (Ricoeur, 2007, p. 141).

“Os próximos” talvez sejam uma boa figura conceitual para tratar deste sujeito que está nas redes sociais e com o qual podemos nos identificar, partilhar sentimentos e emoções. Eu e ele participamos do coletivo, mas ele está a meio caminho entre “o si e os outros”, pois tem um nome, adquire uma forma e impõe seus sentidos. De qualquer modo, temos uma dinâmica permanente: os discursos constroem as memórias, e as memórias constroem os discursos. Na perspectiva da memória como construtora de discursos, articula-se o interdiscurso, que “disponibiliza dizeres que afetam o modo como o sujeito significa em uma situação discursiva dada” (Orlandi, 2001, p. 31). O já-dito em outros lugares toma significado no que dizemos e sustenta as possibilidades do dizer. Por outro lado, o discurso jornalístico também é construtor de memórias, produzindo materialidades que ficam arquivadas e, no ambiente digital, são facilmente acessadas. No jornalismo praticado na internet, incluindo os *sites* de redes sociais, memória e atualidade estão imbricadas na construção da notícia e nos fluxos de sua circulação. Nos comentários dos leitores sobre o avião desaparecido, é possível perceber uma multiplicidade de memórias construídas

coletivamente: memórias de outros acidentes de aviões, de outras pessoas desaparecidas, de casos ficcionais e sobrenaturais do imaginário, memórias de situações trágicas e memórias de emoções que são compartilhadas em determinada situação de comoção. Assim, memórias pessoais e coletivas são mobilizadas e manifestadas nos comentários. É assim que os sentidos se constroem numa comunidade discursiva, como uma teia que é tecida *no processo de interação* entre os sujeitos.

Considerações finais

Tratamos, neste texto, de três dimensões do jornalismo vinculadas ao leitor: o acontecimento fascinante, o imaginário e a interação entre sujeitos. O acontecimento fascinante se define não apenas pelos fatos que o conformam, mas também e muito especialmente por seu alcance junto ao leitor. O acontecimento fascinante é um tipo de evento que exerce magnetismo e aciona fortemente o imaginário. É um acontecimento que, ao ser narrado, remete o ser humano ao crucial de sua existência: o sentido da vida, a inevitabilidade da morte, a impossibilidade de fazer escolhas quando é “o destino” que assume o controle. Esse crucial da existência é universal, vale para todos os homens em todas as culturas. O que o jornalismo faz é atualizar o universal a cada acontecimento fascinante.

Sendo um discurso que narra as impressionantes tragédias do mundo real, o jornalismo mobiliza o imaginário dos leitores durante o processo de apropriação dos sentidos construídos pelas notícias. Durand (1997, p. 18, grifo do autor) diz que “o Imaginário – ou seja, o conjunto das imagens e relações de imagens que constitui o capital pensado do *homo sapiens* – aparece-nos como o grande denominador fundamental onde se vêm encontrar todas as criações do pensamento humano”. Essas imagens constituem o acervo humano inesgotável onde vamos buscar os moldes para construir os sentidos de nossos discursos, para dar materialidade ao que queremos dizer, para dar alguma forma palpável e distinguível ao que antes era apenas emoção, impressão ou sensação.

O acontecimento fascinante sem dúvida será narrado pelo jornalismo. Nas redes sociais, onde o jornalismo está cada vez mais presente, formam-se comunidades discursivas em torno do acontecimento, essencialmente para *falar sobre* ele. Falar sobre algo é um dos modos de lidar com a questão: quando este

algo é a morte, e ainda mais a morte coletiva e surpreendente, falar vai muito além das questões mais técnicas e racionais, descendo ao sem-fundo do imaginário que une todos os homens. Ao falar – ainda que o sujeito utilize o humor, a ironia ou mesmo aparentes frieza e crueldade –, o leitor está mobilizando um imaginário que lhe permite tratar da morte.

Nesse movimento, percebe-se que o leitor se apropria, de um modo bastante frouxo e aparentemente descomprometido, das imagens oriundas tanto do real quanto da ficção. O que importa é trazer ao discurso ações, cenas e personagens que permitam ao sujeito expressar o que pensa, o que sente, no que crê e do que duvida. É assim que as imagens vão dos mortos reais aos mortos de seriados ficcionais famosos, passando pela crença na abdução por extraterrestres e pela convicção da existência de uma dimensão paralela.

Ao compartilhar suas imagens com outros nas redes sociais, o leitor se agrega a uma comunidade discursiva que – apesar de provisória, pontual e efêmera – inscreve movimentos importantes para a pesquisa em jornalismo: além da revelação da complexidade do imaginário social, pode-se ver uma poderosa dinâmica de interação. Nessa interação, os sujeitos se entrelaçam e convocam uns aos outros, tecendo uma rede de sentidos que não se esgota naquele espaço de conversação, mas remete a outro, e a outro, e assim por diante, numa multiplicação exponencial de possibilidades. Um mesmo sujeito se move de um espaço a outro, carregando suas imagens e explicações, suas emoções e suas fraquezas, afetando outros e sendo afetado por outros. Nessa dinâmica impressionante, o jornalismo pode finalmente começar a compreender, ao menos em parte, quem são os sujeitos reais para quem fala ou imagina que fala.

Referências

- BACHELARD, G. 1990. *O ar e os sonhos: ensaio sobre a imaginação do movimento*. São Paulo, Martins Fontes, 275 p.
- BAKHTIN, M. 1986. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 3ª ed., São Paulo, Hucitec, 196 p.
- BARROS, D. 1994. Dialogismo, polifonia e enunciação. In: D. BARROS; J.L. FIORIN (org.), *Dialogismo, polifonia, intertextualidade*. São Paulo, Edusp, p. 1-9.
- BENETTI, M. 2009. Jornalismo e imaginário: o lugar do universal. In: A. MARQUES; C.T. COSTA; C.N.P. COELHO; D. KÜNSCH (org.), *Esfera pública, redes e jornalismo*. Rio de Janeiro, E-papers, p. 286-298.
- BIRD, S.E; DARDENNE, R.W. 1993. Mito, registo e 'estórias': explorando as qualidades narrativas das notícias. In: N. TRAQUINA (org.), *Jornalismo: questões, teorias e "estórias"*. Lisboa, Vega, p. 263-277.
- DURAND, G. 1988. *A imaginação simbólica*. São Paulo, Cultrix e Edusp, 140 p.
- DURAND, G. 1997. *As estruturas antropológicas do imaginário: introdução à arquetipologia geral*. São Paulo, Martins Fontes, 551 p.
- DURAND, G. 2001. *O imaginário: ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem*. 2ª ed., Rio de Janeiro, Difel, 122 p.
- FIORIN, J.L. 2006. Interdiscursividade e intertextualidade. In: B. BRAIT (org.), *Bakhtin: outros conceitos-chave*. São Paulo, Contexto, p. 161-193.
- HALBWACHS, M. 1990. *A memória coletiva*. São Paulo, Editora Revista dos Tribunais LTDA, 190 p.
- MAINGUENEAU, D.1989. *Novas tendências em Análise do Discurso*. Campinas, Pontes e Editora da Unicamp, 196 p.
- ORLANDI, E. 1996. *Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. 2ª ed., Petrópolis, Vozes, 150 p.
- ORLANDI, E. 2001. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. Campinas, Pontes, 100 p.
- RECUERO, R. 2009. *Redes sociais na internet*. Porto Alegre, Sulina, 191 p.
- RECUERO, R. 2012. *A conversação em rede: comunicação mediada pelo computador e redes sociais na Internet*. Porto Alegre, Sulina, 238 p.
- RICOEUR, P. 2007. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas, Editora da Unicamp, 535 p.
- SANTAELLA, L. 2004. *Navegar no ciberespaço: o perfil cognitivo do leitor imersivo*. São Paulo, Paulus, 191 p.

Submetido: 17/10/2014
Aceito: 24/10/2014